

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

RITINHA

Para Helena Pitombeira

Murilo Martins

A porta do ambulatório de Oncologia abriu-se e entrou uma jovem carregada nos braços pelo pai. Apresentava uma face de sofrimento e chorava baixinho ao fazer os menores movimentos. Após deitá-la na cama, Dra. Ruth aproximou-se e indagou:

— Qual é o seu nome?

— Ritinha.

— Idade?

— Quinze.

— E o que sente esta jovem tão bonita?

— Dor! – respondeu laconicamente com lágrima nos olhos.

— Dor? Onde e há quando tempo?

Vendo a dificuldade da filha em responder o questionário, o pai adiantou-se e resolveu contar ele mesmo tudo o que se passou:

— O nome dela, doutora é Francisca Rita dos Santos. Está doente há um mês com dor no joelho esquerdo que surgiu após uma corrida ao sair da escola. Botamos uns remédios caseiros, mas nada adiantou. A dor, que no início surgia somente com os esforços maiores, passou a ser contínua e, nesta última semana, sem razão aparente, o joelho começou a inchar. Como estivesse piorando dia a dia, mandaram que procurasse, hoje mesmo, a senhora neste hospital.

— Emagreceu?

— Muito pouco.

— Tem febre?

— Não.

Dra. Ruth fez um questionário minucioso e anotou os dados da história na ficha do hospital. Ao realizar o exame físico, detectou uma tumoração no joelho esquerdo, rígida e dolorosa. O restante do exame não evidenciou outras anormalidades.

— Sua filha – explicou a médica – precisa ser internada imediatamente para podermos determinar qual a causa desta inchação. Fará vários exames de laboratório, radiografias e biópsia do tumor. Só assim poderemos saber qual é a doença e seu melhor tratamento.

Virou-se para a doente e, fazendo um carinho no rosto, indagou:

— Esta bem assim, Ritinha?

— Faço tudo que a doutora mandar para ficar boa – respondeu sem levantar a cabeça.

Conforme esperado, as radiografias feitas revelaram a presença de um grande tumor na parte inferior do fêmur esquerdo e a biópsia confirmou a hipótese inicial de osteossarcoma. Dra. Ruth chamou o pai e explicou:

Osteossarcoma é o câncer do osso e se não fizer um tratamento especializado imediato, poderá morrer em menos de seis meses.

— E como será o tratamento, doutora?

— Inicialmente terá que amputar a perna esquerda. Eu sei que este procedimento é doloroso e trará um trauma psicológico numa jovem como sua filha. Porém ela não poderá ficar boa se não for retirada a fonte do câncer. É preciso fazer também, por dois anos, um tratamento a que chamamos de quimioterapia. Com esse esquema, poderá ficar curada, como ficou o sobrinho de um presidente dos Estados Unidos que tinha a mesma doença.

Ritinha ficou profundamente abalada com a ideia de perder a perna e de fazer a quimioterapia que lhe estava sendo proposta. A revolta, porém, diminuiu quando sentiu piora das dores alucinantes do joelho e, foi decisiva, ao tomar conhecimento de que poderia ficar totalmente boa com o “horroroso” tratamento. Dessa maneira, aceitou resignada o que estava sendo oferecido para ela.

Mas, a vida é cheia de fatos inesperados: se, de um lado, Ritinha teve a infelicidade de ter uma perna amputada, de outro, Deus operou um verdadeiro milagre ao lhe dar um espírito alegre e extrovertido. Assim, apesar de estar na flor da juventude, ela não teve vergonha de andar de muletas na frente dos colegas e de sair careca pelas ruas da cidade, após a perda total de seus cabelos com a quimioterapia a que se submetera. Se o caso tivesse ocorrido nos dias atuais, ela, certamente, receberia o apelido carinhoso de “Ronaldinha”!

Ritinha suportou a quimioterapia sem grandes problemas. No período em que passava no hospital, vivia sempre rindo, falava com todos na enfermaria, estimulava os que estavam mais doentes do que ela, fazia presepadas com as enfermeiras e não se esquecia de trazer uma pequena lembrança para todos quando voltava ao hospital. Isso fez com que ela fosse a paciente mais querida.

No início, por várias vezes, se queixou com a Dra. Ruth:

— Minha doutora, quando acordo no meio da noite frequentemente tenho a sensação de que ainda possuo a perna que foi cortada. Pode a dor voltar?

— Não, ela não voltará. Chamamos o que você sente de membro fantasma, e acontece muitas vezes quando uma perna é amputada. Isso passará com o tempo.

A felicidade interna de Ritinha fez com que ela tirasse de letra (como ela mesma dizia!) o prolongado tratamento. Findo os esquemas programados, voltou algumas vezes ao ambulatório e depois afastou-se totalmente do hospital.

Cinco anos depois, Dra. Ruth estava no consultório quando entrou a última paciente da manhã. Tratava-se de uma jovem de aproximadamente vinte anos de idade que apresentava excelente estado geral, vestia-se bem, com cabelos longos, sedosos e bem tratados. Claudicava ligeiramente da perna esquerda.

— Dra. Ruth, - disse a paciente - até parece que não sabe quem eu sou?

Ritinha! Como você está bem, bonita, quase não lhe reconhecia! - exclamou a médica abraçando sua antiga cliente - Ué! Onde estão as muletas?

— Agora, doutora, tenho uma perna mecânica! - respondeu com euforia - Há dois anos meu ortopedista sugeriu que eu botasse uma. Estava tão acostumada com aquelas muletas que não queria tentar outra coisa. Mas ele insistiu tanto e não é que deu certo?

Ritinha levantou a saia e mostrou para sua médica a perna nova, como se encaixava no coto e se fixava à cintura por meio de uma pequena cinta de couro.

— É uma beleza, Dra. Ruth, nunca pensei que fosse gostar tanto! Só fiquei com uma ligeira dificuldade de andar, o que é natural. - A seguir deu um grito histérico e segredou no ouvido da médica. Nem lhe conto, estou noiva e breve vou me casar! Ele não é lá muito bonito, mas é muito bom comigo. Trabalhador, tem alguma grana, e até arranjou um emprego bom para mim. Todo dia me leva para o trabalho na sua motocicleta e...

Motocicleta? Mas que perigo! E como você consegue subir e andar nela com essa perna mecânica?

— Perigoso é, mas a gente sempre dá um jeito. Quando não se tem muitos recursos, temos que utilizar os meios ao nosso alcance. Nosso “tutu” só deu pra comprar uma moto de segunda mão.

— Ritinha, conte tudo o que aconteceu com você desde a última consulta.

Ritinha sentou-se na cadeira, acomodou a perna artificial e contou, com pormenores, suas aventuras e desventuras.

Disse que, durante o tratamento, possuía somente um objetivo na vida: ficar boa! Naquele período, todas as suas atividades estavam dirigidas para atingir esse sonho. Acabou vencendo, pois ficara totalmente curada! As desventuras vieram depois. Findo os esquemas, ficou desnorteada, sem saber mais o que fazer. Tentou estudar, mas estava muito atrasada em relação às suas colegas e desistiu.

Foi então que se conscientizou que uma aleijada, de muletas, tinha poucas chances de arranjar um trabalho. A situação mudou muito após botar uma perna mecânica: passou a ser aceita pelos estranhos, arranjou um namorado e conseguiu um bom emprego. Só que o patrão dela era duro, exigente, pontualidade britânica. O noivo, para enfrentar o problema, acabou comprando uma moto.

Andar de moto não é fácil, necessita de longo aprendizado na direção e na garupa. Assim, dirigir não foi grande problema para seu namorado, mas ela teve que suar muito para aprender a acomodar a perna. A solução encontrada foi amarrá-la com um fino cordão nas molas do selim para que o vento não a arrancasse!

Mas quem anda de moto tem sempre seus riscos. Tudo ia bem até a semana passada quando ocorreu um episódio inusitado. Estava atrasada para o trabalho e seu noivo decidiu acelerar a motocicleta. Passou correndo entre os carros, manobrou perto dos caminhões, deu uma fina num ônibus mas, por azar, teve que parar num sinal em plena Aldeota. Quando apareceu o verde, ele e um carro do lado saíram ao mesmo tempo. Houve um descontrole e o automóvel deu uma forte batida na moto!

— Imagine, doutora, nem lhe conto o que aconteceu! — disse Ritinha, rindo, — Todos os carros frearam bruscamente, meu noivo e a moto foram jogados para um lado, eu para o outro e minha perna foi parar perto de um caminhão!

O tráfego parou, a consternação era geral. Uma cena dramática, parecia a novela das nove! A motorista do carro estava grávida, abriu a porta para ver o que provocara e começou a chorar. Curiosos correram para ver o acidente. Um guarda de trânsito, vendo a perna arrancada com a batida, procurou uma hemorragia para estancá-la e não encontrou sangue. Ninguém se entendia e nem entendia o desastre.

Atordoada com a pancada, Ritinha tentou levantar-se. Ao verificar que não podia andar, gritou:

— Ei! Seu guarda, por favor apanhe minha perna e me dê uma mão.

Quando o guarda entregou-lhe a perna, Ritinha colocou a mão no ombro da autoridade para poder se equilibrar, virou-se para a multidão e falou bem alto:

— Os homens, por gentileza virem as costas! – Levantou a saia, ajustou a perna no coto e apertou firmemente a cinta de couro na altura da cintura.

Nesse momento, o noivo tinha levantado sua moto, que, por felicidade, não tinha sofrido avarias, ajudou a noiva a subir na garupa, ligou o motor e, sem dizer palavras, saiu em disparada rumo ao seu destino. No meio do quarteirão, Ritinha voltou-se para os curiosos que, incrivelmente, conservavam-se calados e deu adeusinho com a mão!

— Nesse momento, ouvi uma estrondosa gargalhada! – concluiu Ritinha, também rindo.